

ARQUITETURA PÓS-MODERNA NO EXTREMO SUL DO BRASIL: PELOTAS, 1980-1999

JULIANO MOREIRA COIMBRA¹;
SYLVIO ARNOLDO DICK JANTZEN²

¹PROGRAU - UFPel – julianomcoimbra@hotmail.com

²PROGRAU - UFPel – mundo.dick@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Estudam-se edifícios da cidade de Pelotas-RS, estabelecendo um paralelo com a arquitetura pós-moderna. O ponto de partida é a identificação na cidade de edifícios produzidos nas últimas décadas do século XX, que não são totalmente alinhados à ideologia do Movimento Moderno, sendo, portanto, passíveis de ser classificados como "pós-modernos". O estudo consiste na pesquisa de mestrado do autor.

O trabalho limitou-se à arquitetura produzida nas décadas de 1980 e 1990. Analisaram-se textos e discursos importantes para o campo da teoria de arquitetura do mesmo, relacionando os contextos da Europa e Estados Unidos, bem como América Latina, Brasil e o Rio Grande do Sul, onde encontra-se a cidade de Pelotas.

Muitos autores que se detiveram sobre o estudo do pós-modernismo compartilham uma opinião sobre o assunto: é um tema de difícil definição, dada a complexidade e pluralidade dos conceitos trabalhados no período que ficou conhecido como pós-modernidade. Nessa linha desenvolvem-se trabalhos importantes como os de JENCKS (1986), HARVEY (1993) e NESBITT (2008), por exemplo.

Definir o "pós-modernismo" como algo que surge como reação ou contraponto ao "modernismo" talvez seja a única unanimidade entre os teóricos, como apontou HARVEY (1993). Para além disso, seguem diversas discordâncias semânticas, uma vez que o próprio sentido original de modernismo também é complexo e de difícil consenso.

Moderno, em arquitetura, é um termo com fortes significados. O modernismo do início do século XX valeu-se do valor metafísico adquirido pela arquitetura no Iluminismo. A arquitetura do Movimento Moderno foi apreendida a partir de um seleto grupo de arquitetos de destaque mundial — Le Corbusier, Gropius, Mies e Wright foram considerados grandes inventores de sistemas jamais vistos de composição. Nesse momento, a arquitetura rompeu com sua tradição material, articulada com seus contextos geográficos diversos, e foi associada a uma mistura de gênio, individualidade e tecnologia (PORTOGHESI, 1982).

As ideias difundidas pelo Movimento Moderno, de uma arquitetura racional, funcionalista e alinhada com os novos tempos e com a estética da máquina dominaram o pensamento e a prática de arquitetura por quase cinco décadas. Ainda que tenha sido fundamental na reconstrução da Europa no pós-guerra (HARVEY, 1993), a prática projetual modernista tornou-se repetitiva, burocrática e alheia aos elementos simbólicos e populares — que alguns pós-modernos como Robert Venturi e Charles Moore mais tarde defenderiam como forma de reaproximação da arquitetura com a sociedade, reintroduzindo tais elementos em seus projetos. Como colocou HARVEY (1993), era tempo de construir para as pessoas, não para o Homem.

Essas iniciativas na cultura que levantavam a crítica ao pensamento moderno (em um sentido amplo) foram chamadas mais tarde de pós-modernas. JENCKS (1986) aponta para três momentos do pós-modernismo: 1) seu início, na década de 1960, como iniciativa crítica e radical por parte de uma minoria intelectual, como os artistas do Pop Art e arquitetos e urbanistas como Jane Jacobs, Robert Venturi e o Team Ten; 2) nos anos 1970, quando o pós-modernismo já era termo referente a uma variedade de tendências e torna-se mais conservador, racional e acadêmico; e 3) nos anos 1980, com a aceitação mais ampla do movimento por parte da academia, dos profissionais e da sociedade em geral.

O estudo abordou a arquitetura pela sua dimensão teórica, apresentando algumas temáticas típicas da teoria de arquitetura na pós-modernidade, tais como o projeto enquanto processo, a abordagem linguística da arquitetura (BROADBENT, 2008), o historicismo, a fenomenologia (NORBERG-SCHULZ, 2008), o Kitsch, a bricolagem e o pós-estruturalismo.

Também foram estudadas obras sobre a arquitetura pós-moderna no Brasil e na América Latina. Um dos arquitetos brasileiros mais importantes no tema é Éolo Maia, estudado por SANTA CECÍLIA (2006). A arquitetura no Rio Grande do Sul dos anos 1980 foi tema de estudo de MARQUES (2002), porém Pelotas figura com apenas uma residência no trabalho. Demais trabalhos acadêmicos sobre a arquitetura em Pelotas concentram-se principalmente no século XIX e início do século XX. O mais recente (em data de publicação e décadas de estudo) é o de MONTAGNER (2015), sobre o Modernismo, que chega até 1980.

Em suma, o objetivo do estudo é compreender melhor a arquitetura do final do século XX em Pelotas através da análise dos edifícios que se aproximam da corrente pós-moderna. Com isso, espera-se ser possível comentar sobre o motivo do surgimento tardio dessa arquitetura em Pelotas, o porquê dela ser pouco representativa em quantidade e quais semelhanças com projetos de outros contextos ela apresenta. Pode-se especular ainda sobre a possível descoberta de características autóctones da arquitetura pós-moderna em Pelotas.

Procura-se qual o sentido da pós-modernidade em Pelotas — é possível identificar uma contribuição pós-moderna na teoria do projeto arquitetônico e na forma de resolver os edifícios? Também discute-se a relação dessa arquitetura com o patrimônio arquitetônico Eclético, que se concentra na parte central da cidade, em meio aos edifícios modernistas e aos exemplares pós-modernos mais recentes.

2. METODOLOGIA

Até o momento, uma parte das coletas de dados e análises previstas foi realizada, a partir da identificação de edifícios assemelhados visualmente com exemplares pós-modernos da bibliografia. Então, essa amostra foi mapeada e classificada, para futuras análises.

A análise arquitônica foi estudada por diversos teóricos, como UNWIN (2014) e KLOTZ (1984). Cada autor identifica uma lista de categorias, que são como “filtros” pelos quais os edifícios são submetidos para que se possa apreender suas diversas características. O presente trabalho empregou as categorias de BIELEFELD & KHOULI (2007), a saber, Forma, Materiais e Construção, Função e Contexto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa encontra-se em andamento, com uma pré-análise já concluída, do **Edifício Maria Augusta**. Foram percebidos traços na arquitetura da edificação que a colocam como um exemplar pós-moderno de Pelotas, nas categorias do contexto, da forma, principalmente, mas também nas outras. Seguem-se os principais dados obtidos da análise arquitetônica.

O projeto, de 1995, é de autoria da Arquiteta Singoala Miranda e do Engenheiro Luís F. Braga. O edifício se localiza na esquina das ruas XV de Novembro e Major Cícero de Goés Monteiro, no centro da cidade. Assim como a grande maioria das edificações próximas, possui ambas testadas junto ao alinhamento predial no pavimento térreo, reforçando o caráter de “rua-corredor” da cidade tradicional — uma evidência de contextualismo.

O último pavimento é o de menor área, mas o fato é de difícil percepção devido ao artifício utilizado pela arquiteta — há uma continuidade da fachada na área do terraço, com a reprodução dos mesmos vãos de fenestração dos pavimentos inferiores, todavia aqui sem esquadrias. A composição da volumetria da fachada assegura o equilíbrio e a ordenação em seus elementos e reforçar o caráter unitário do edifício.

A edificação utiliza sistemas construtivos tradicionais para o contexto regional — estrutura independente de pilares, vigas e lajes em concreto armado moldadas in loco e alvenarias de blocos cerâmicos e tijolos maciços. Um detalhe interessante são as “viga-C” sobre as janelas, que têm dupla função — auxiliar na estrutura e esconder as persianas.

Outro traço pós-moderno pode-se perceber nas diferentes formas de acomodação do programa, com três configurações de habitações — são quatro quitinetes (dormitório e sala de estar conjugados, mais banheiro, cozinha e serviço), seis apartamentos de um dormitório e uma unidade com dois dormitórios, totalizando 11 habitações. A distribuição dessa variedade na planta é fluída e enriquece o projeto, pois permite a apropriação de famílias em diferentes situações — solteiros, casais com ou sem filhos, com ou sem carro. O programa adapta-se a uma configuração social que não mais se propõe a determinar soluções padrões às pessoas, mas antes reconhece as diferentes necessidades dos possíveis usuários.

O programa atendido pelo Edifício Maria Augusta e sua tipologia são tipicamente contemporâneas, porém sua forma de ordenamento e composição da fachada é repleta de citações e referências a arquiteturas do passado, fazendo com que a edificação de 1995 se “disfarce” em meio ao patrimônio arquitetônico eclético da cidade.

A quantidade de ornamentos e referências aumentam conforme os pavimentos se sobrepõem uns aos outros, algo que já acontecia no Ecletismo. No térreo, a disposição das aberturas é pragmática, satisfazendo as demandas de uso nas garagens e dos clientes da loja. Os grandes vãos das vitrines e dos portões da garagem dificultam a associação com as janelas dos pavimentos superiores. Apenas na portaria dos moradores a relação com o todo pode ser mantida, com o emprego de vãos semelhantes.

Coroando o térreo há um friso horizontal separando os pavimentos. A partir do segundo pavimento, o edifício recebe frisos aplicados ao reboco, que reforçam as linhas horizontais, como os alinhamentos superiores e inferiores das janelas.

Uma cornija separa continuamente o segundo pavimento do terceiro. Também ali a presença de um elemento único atrai a atenção para o acesso principal dos moradores. As quatro janelas esbeltas (0,70 x 1,35m) rompem a granulometria das demais janelas horizontais. Frisos verticais acima das quatro janelas e também esbeltos arrematam a composição. Internamente, a quitinete do

segundo pavimento difere-se das três acima não pela área em planta, mas pela fachada, possuindo quatro janelas verticalizadas ao invés de duas horizontais.

Recursos de composição com a fachada aparecem em outros edifícios pós modernos, como o prédio da AT&T de Johnson, em Nova York, ou a Prefeitura de Portland, de Michael Graves.

4. CONCLUSÕES

Procura-se somar no entendimento da arquitetura enquanto espaço edificado, partindo do pressuposto que desenvolver e aplicar ferramentas e metodologias de análises arquitetônicas em projetos e edifícios é fundamental para uma melhoria constante na projetação arquitetônica.

As questões levantadas pela teoria quando encontram a prática são capazes de colaborar com novas perguntas e novas hipóteses de soluções projetuais, qualificando a arquitetura. Esse debate ainda é incipiente no ensino de arquitetura brasileiro, razão pela qual esse tipo de estudo é relevante.

Sabe-se que grande parte dos edifícios pós-modernos foi edificada em meio ao centro histórico de Pelotas, área com diversos imóveis patrimoniados. Ainda se sabe pouco sobre de que forma essa inserção complexa se deu e quais suas consequências sob a perspectiva do distanciamento temporal. A partir dos dados levantados e das análises arquitetônicas, espera-se compreender mais sobre a arquitetura pós-moderna e a sua adaptação na cidade de Pelotas. Também deseja-se contribuir para o debate da teoria de arquitetura na cidade, especialmente nas suas produções mais recentes, ainda pouco estudadas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIELEFELD, B.; KHOULI, S. E. **Basics Entwurfsidee**. Basel: Birkhäuser, 2007.
- BROADBENT, G. Um guia pessoal descomplicado da teoria dos signos na arquitetura. In: NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)**. São Paulo: Cosac Naify, 2008. Cap.2, p.141-162.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- JENKS, C. **What is Post-Modernism?** London/New York: Academy Editions/St. Martin's Press, 1986.
- KLOTZ, H. **Revision der Moderne: Postmoderne Architektur 1960-1980**. München: Prestel, 1984.
- MARQUES, S. M. **A revisão do movimento moderno? arquitetura no Rio Grande do Sul dos anos 80**. Porto Alegre: Ritter dos Reis, 2002.
- MONTAGNER, B. C. **Arquitetura Moderna em Pelotas: 1950-1980**. 2015. 334f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU), Universidade Federal de Pelotas.
- NESBITT, K. **Uma nova agenda para a arquitetura – Antologia teórica: 1965-1995**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. In: NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)**. São Paulo: Cosac Naify, 2008. Cap.9, p.443-460.
- PORTOGHESI, P. **Depois da arquitetura moderna**. Lisboa: Edições 70, 1982.
- SANTA CECÍLIA, B. L. C. **Éolo Maia: complexidade e contradição na arquitetura brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- UNWIN, S. **Analysing architecture**. New York: Routledge, 2014.